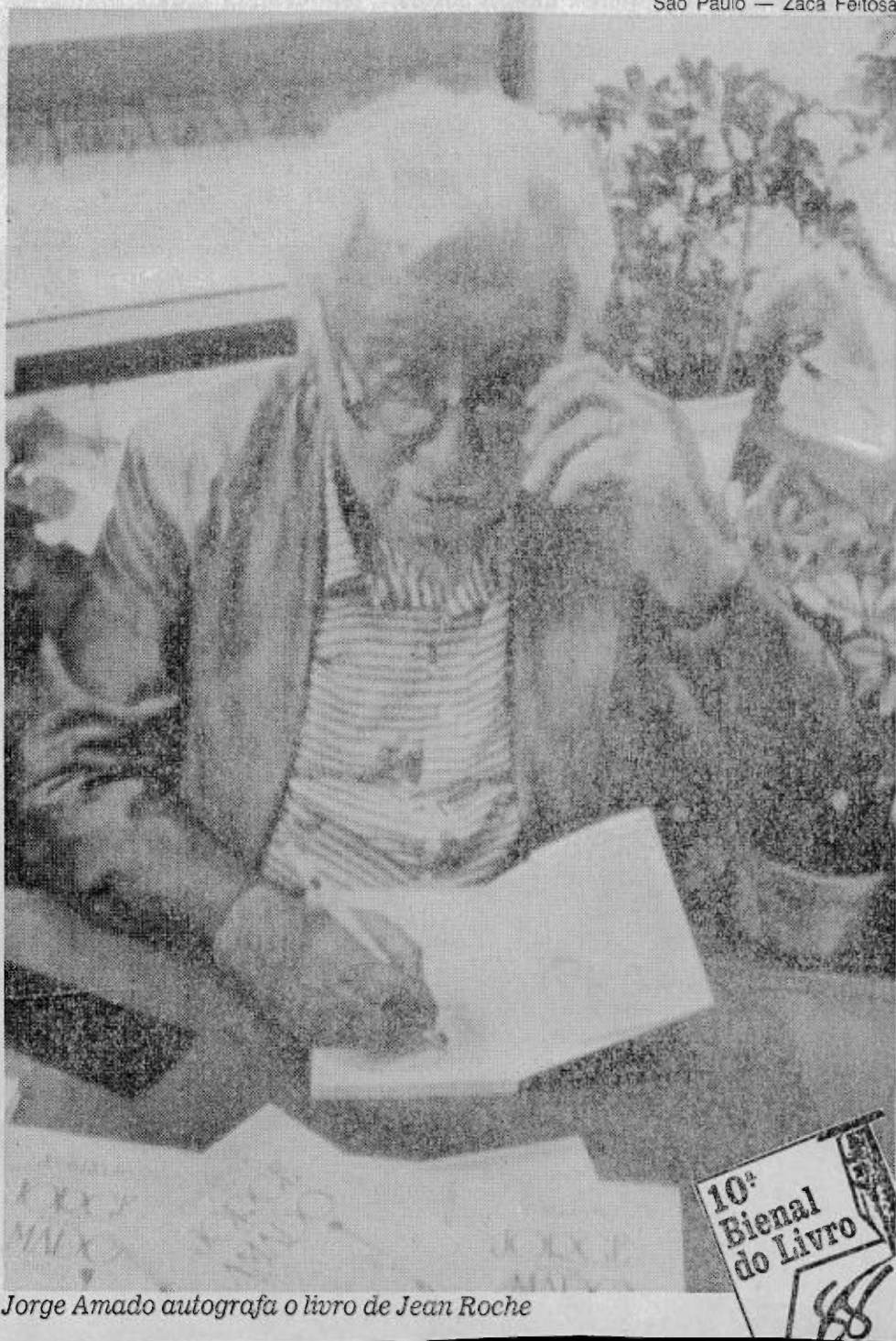


Jorge: bem ou mal amado?

O romancista baiano cria polêmica na feira do livro

São Paulo — Zaca Feitosa



Jorge Amado autografa o livro de Jean Roche

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O escritor que mais distribuiu autógrafos nos primeiros dias de 10º Bienal Internacional do Livro não lançou nenhum livro novo. Ele é o baiano Jorge Amado, que na noite de domingo contribuiu para engrossar a multidão no lançamento de **Jardim de inverno**, da sua mulher Zélia Gattai, no estande da Editora Record, e na abertura da feira compareceu ao estande da Editora Cultrix para autografar um ensaio sobre a sua obra, **Jorge bem/mal Amado**, escrito pelo francês Jean Roche, que não apareceu.

Boa parte dos fãs que se acotovavam na fila de autógrafos estava certa de que se tratava de uma nova história escrita pelo "baiano romântico e sensual" (a definição é dele mesmo), e queria, a todo custo, que Jorge adiantasse, ali, pessoalmente, o enredo da obra. Ao saber, finalmente, que o livro não era dele, mas sobre ele, essa porção desinformada pediu, então, com muita naturalidade, que o escritor emitisse uma opinião sobre o trabalho. Jorge irritou-se: "Ora, é infantil e ridículo avaliar um estudo a meu respeito."

Uma vez esclarecido para todos que aquele era, antes de mais nada, um livro escrito por um amigo e admirador, para quem Jorge mereceria ser ainda mais amado, a paz voltou a reinar no estande da Cultrix. "É generosidade dele desejar isso para mim", disfarçava o homenageado, enquanto assinava (portanto endossava) a mais recente declaração de amor de Jean Roche. A paixão de Roche teve início, por sinal, no período em que o professor francês lecionou Língua e Literatura Francesa no Brasil, de 1945 a 1953, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e na Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. Em 1959, já ocupando a cátedra de Estudo Portugueses e Brasileiros na Universidade de Toulouse, na França, ele foi convidado para participar de um simpósio internacional de análises luso-brasileiras, e acabou se tornando grande amigo do escritor baiano. A última em vez que estiveram juntos foi no ano passado, por ocasião de uma homenagem a três brasileiros no Salão do Livro Francês — Carlos Drummond de Andrade, Gilberto Freyre e Amado —, e nessa ocasião, o autor de **Capitães de Areia** e **Tereza Batista cansada de guerra** recebeu a notícia de que seria assunto de mais uma tese universitária.

Para o seu alívio, desta vez não se tratava de petardos do tipo dos que recebeu, por exemplo, do professor Alfredo Bosi, da Universidade de São Paulo. Segundo Bosi, em sua **Historia concisa da literatura brasileira**, a obra de Jorge Amado consegue "dar de tudo um pouco ao leitor curioso e glutão: pieguice e volúpia em vez de paixão, estereótipos em vez de trato orgânico dos conflitos sociais, pitoresco em vez da captação estética do meio, tipos folclóricos em vez de pessoas".

O trabalho de Jean Roche vai por outro caminho. A primeira e segunda partes do livro procuram demolir teses que atribuem o sucesso de Jorge Amado ao seu engajamento ao PCB (Partido Comunista

Brasileiro) ou sustentam que isso prejudicou o começo de sua obra. Roche, para isso, contabiliza a palavra "comunista" que aparece 157 vezes em 19 dos romances romances de Amado, de **O País do carnaval**, que ele escreveu aos 18 anos, a **Farda fardão camisola de dormir**, de 1979, que o professor francês considera seu livro mais elaborado). Em seguida, Roche parte para convencer o leitor de que, apesar disso, a arte do autor de **Gabriela, cravo e canela** não traz as marcas do seu engajamento. Defende que o selo impresso pelo estilo do escritor é mais profundo do que tudo aquilo que se possa chamar de "engajamento", ou de "cicatrices de engajamento", como prefere dizer. Lembra, inclusive, que o próprio Jorge Amado não permitiu que o PCB, do qual já foi dirigente, cortasse trechos de **Subterrâneos da liberdade**, de 1954, seu livro mais intimamente partidário.

Só na terceira e última parte de seu trabalho Jean Roche aborda o estilo de Jorge Amado, concluindo que seu sucesso é devido a qualidades autorais, e que ele nunca reescreveu um livro sequer. Tudo provém da sua "arte de fazer ver". "Ele é um Molière com o conhecimento do cinema", compara o admirado Roche.

Uma das mais abalizadas vozes da crítica literária nacional, Flora Sussekind, pesquisadora da Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro, estranha o fato de Roche ter atribuído tamanha importância ao engajamento do autor de **Dona Flor e seus dois maridos** para ilustrar a questão **Jorge bem ou mal Amado**. Na opinião de Flora, a melhor produção de Jorge Amado data, inclusive, do período em que esteve ligado ao PCB, — embora ela não veja nenhuma relação entre uma coisa e outra, para ela, autora de **Tal Brasil, Tal Romance**, a polémica é outra: "Dizemos que Jorge se tornou mal amado", nota, "porque para agradar o grande público e vender mais acabou virando um cacete de si mesmo." A opinião é corroborada por dois outros respeitados estudiosos, a ensaísta paulistana Walnice Galvão o mineiro Silvano Santiago, professor da PUC carioca.

No ensaio **Jorge bem/mal Amado**, sem citar nomes, o autor rebate essa crítica com o argumento seguinte: "Na França, os colegas ciumentos atribuem a expressão "escritor comercial" aos beneficiários de grandes miragens". Em São Paulo, no entanto, o professor Carlos Guilherme Mota, diretor do Instituto de Estudos Avançados da USP, que já reservara a Jorge Amado uma boa alfinetada no seu estudo **IDEOLOGIA DA CULTURA**, em 1974, acha muito embaraçoso e pouco ético um escritor autografar elogios a si próprio. Para ele, Jorge Amado ultimamente não tem feito outra coisa senão repetir-se.

O "baiano romântico e sensual", porém parece não ligar para o que pensa a crítica. Ou disfarça bem: "Sou um escritor e não um literato, e tais questões não me interessam", dá de ombros. "Se me repito? Isso sim, desde o primeiro livro. Todo escritor se repete." O seu próximo livro, **O sumiço de Satã — uma estória de feitiçaria**, que vai se passar em Santo Amaro, cidade baiana em que nasceu Caetano Veloso, deverá sair até o final do ano.